

ENCONTROS E DESENCONTROS DA/NA/COM A CIDADE: A SOCIABILIDADE NAS METRÓPOLES

por Carolina Laureto Hora¹

É comum nos dias atuais nos depararmos com representações artísticas do ambiente urbano pautadas em signos como a caoticidade, a violência e a efemeridade. A cidade, que foi concebida para congregar indivíduos na democracia, cujo significado etimológico advém do termo em latim *civitas*, originalmente “condição ou direitos de cidadão”, de *cives*, “homem que vive em cidade”, foi por muito tempo o maior ancoradouro da modernidade por suas promessas de progresso individual e coletivo fundamentadas no capitalismo, no entanto, em função de disparidades sociais ensejadas por esse sistema econômico excludente, a cidade acabou se tornando o símbolo da desagregação e da falta de comunhão entre as pessoas, que apesar de a habitarem não se conectariam então com ela, nem entre si.

De fato, é imenso o abismo entre os indivíduos metropolitanos, basta olhar para o exemplo do bairro Morumbi em São Paulo, bairro “nobre” que comporta diversos condomínios de luxo fechados, situado bem ao lado da segunda maior favela paulistana, Paraisópolis.



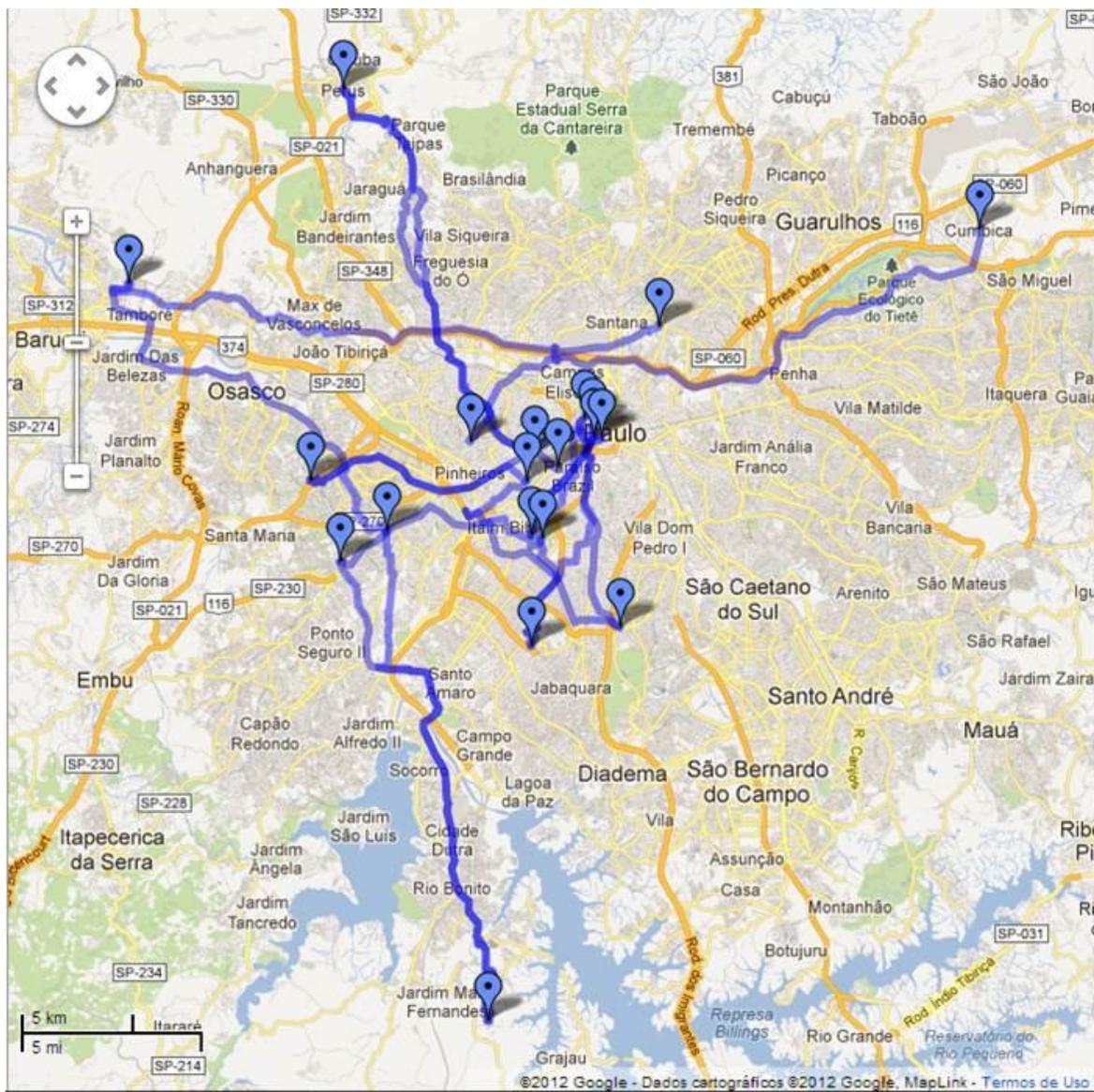
Foto retirada do endereço <http://www.pco.org.br/nacional/direita-fascista-levanta-a-cabeca-e-exige-upp-na-favela-de-paraisopolis-eiji.b.html>

¹ Graduanda do 4º ano de Letras na UFSCar, bolsista FAPESP de Iniciação Científica, processo nº 2012/23507-0, com o projeto intitulado “Percurso da representação da cidade contemporânea em *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* de João Antônio e *eles eram muitos cavalos* de Luiz Ruffato”.

Essa distância monumental entre os bairros vizinhos, ou melhor, entre pobres e ricos, garantida pelo muro que podemos visualizar na imagem, já foi bastante problematizada pela mídia em defesa da classe média alta no combate à violência. O exemplo deste encontro contrastivo da cidade é suficiente para nos mostrar porque tais indivíduos se hostilizam e hostilizam a cidade onde vivem.

Pensando na forma como esses fatores influenciam a subjetividade dos indivíduos e sua forma de interagir com o outro e com a cidade, logo somos levados a refletir sobre a influência que exercem sobre as manifestações culturais e artísticas, que se alimentam da vida real e ao mesmo tempo participam de sua construção. Um ambiente sufocado pelo trânsito de pessoas e veículos, bem como pela quantidade de arranha-céus e poluição de todo tipo, que comporta uma organização política corrupta, uma organização econômica desigual, que por sua vez enseja uma realidade social cruel vivenciada pelas camadas mais desfavorecidas da população, são índices da realidade aos quais nos remetemos ao ler o romance de estreia de Luiz Ruffato *eles eram muitos cavalos*, por exemplo, escritor contemporâneo que assim como outros que o antecederam, representa justamente os antagonismos da vida real e a dura realidade de excluídos do espaço paulistano.

O romance é composto por fragmentos aleatórios que retratam um dia na maior cidade da América do Sul a partir da ótica de diversas pessoas anônimas, que experienciam cada qual a seu modo a cidade e o cotidiano urbano. Para visualizarmos melhor o emaranhado paulistano reconstruído no romance, vejamos um mapa elaborado com base nos pontos de São Paulo citados ao longo dos 70 fragmentos do livro:



Um fragmento bastante emblemático da obra nesse sentido, que parece nos colocar literalmente no “olho do furacão”, é o que segue:

“45. Vista parcial da cidade

são paulo relâmpagos

(são paulo é o lá-fora? é o aqui-dentro?)

de pé a paisagem que murcha

a velha rente à janela

rosto rugas bolsa de náilon desmaiada no colo dentro coisas enroladas em jornais vestido branco bolinhas pretas sandália de plástico fustigando o joanete cabelos grisalhos olhos assustados

nunca se acostumará ao trânsito à correria ao barulho *a corda canta na roldana o balde traz água salobra pouca o silêncio das vacas mugindo a secura crestada entre os dedos do pé*

a adolescente rente ao corredor

madorna desordenados fascículos de cursinho pré-vestibular derramam-se pelos braços vez em vez escorrega para os lados da velha sobressaltada se desculpa

(ajeita-se ainda mais para o canto)

tenta impossíveis olhos abertos acorda cedo meio-expediente no balcão de uma agência de viagens o cursinho fim de tarde volta hora e meia de ônibus a mãe pergunta minha filha tanto sacrifício vale a pena?

e migalhas de seus sonhos esparramam-se sobre os ombros da velha

de pé atrás um homem mão enganchada na alça

mão enganchada na bolsa (uniforme, marmita, escova e pasta de dente, pente, um gíbi) pendula o corpanzil pálpebras semifechadas (semi-abertas?) cansado suado contas para pagar prestações atrasadas o corpo

para a frente

e

para trás

outro ferrabrás poucos amigos

tenta adivinhar a toda hora aonde

abaixa-se o rosto entre braços e sovacos

tenta reconhecer aonde

neófito

nós dormimos roncamos até

quando se aproxima o ponto uma campainha soa dentro da cabeça súbito aperta o botão

sacolejando pela Avenida Rebouças

o farol abre e fecha

carros e carros

mendigos vendedores meninos meninas

carros e carros

assaltantes ladrões prostitutas traficantes

carros e carros
mais um dia
terça-feira
fim de semana longe
as luzes dos postes dos carros dos painéis eletrônicos dos ônibus
e tudo tem a cor cansada
e os corpos mais cansados
mais cansados
a batata das minhas pernas dói minha cabeça dói e”

Este fragmento enuncia perfeitamente a sensação imperante de não-pertencimento do indivíduo urbano à cidade e à sociedade que o circunda, no fundo um total isolamento entre cidadãos que compartilham das mesmas misérias mas não dialogam, no sentido de expor uma sobreposição de “desencontros”. Mas será que São Paulo é só isso?

A grande questão é: diante do cenário caótico atualizado em obras como a de Ruffato, que corrobora em certa medida uma grande tendência artística e midiática atual de retratar o ambiente urbano a partir de seus problemas visando modificar a realidade que denuncia, é possível fugir à distopia e adotar um ponto de vista otimista diante da realidade das metrópoles? Partindo de vivências pessoais na cidade São Paulo e em outra metrópole brasileira, Porto Alegre, poderia dizer que sim, mas será que uma arte otimista é capaz de modificar uma realidade tão atroz como a dos marginalizados sociais?

O cantor de rap Criolo em uma música intitulada *Não existe amor em SP*, fala do desencanto da metrópole paulistana e a rechaça em trechos como este “A ganância vibra, a vaidade excita / Devolva minha vida e morra afogada em seu próprio mar de fel / Aqui ninguém vai pro céu”; no entanto, ao fim da música, o mesmo músico diz: “Encontro duas nuvens em cada escombros, em cada esquina / Me dê um gole de vida / Não precisa morrer pra ver Deus”. Neste trecho da música, podemos vislumbrar uma sede de encontros em meio a tantos desencontros, e temos a impressão de que eles são plenamente possíveis ao nos deparar com a afirmação de que o amor está ao alcance, e não em outra dimensão como a metrópole asfixiante nos leva fatidicamente a pensar.

O “gole de vida” esperado pelo rapper Criolo, vem sendo amplamente requisitado não apenas por manifestações artísticas como sua melancólica *Não existe amor em SP*, mas também por grupos que reivindicam o direito à cidade em São Paulo, como os

manifestantes dos recentes protestos ocorridos na capital paulista e integrantes do Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB que recentemente organizaram a X Bienal de Arquitetura de São Paulo, cujo tema era *Cidade: Modos de fazer, Modos de usar* e cuja proposta era a de discutir temáticas como “mobilidade, densidade, qualificação do espaço público e infraestrutura urbana”² em busca de se viabilizar uma cidade melhor.

Em visita à capital rio-grandense, que pude ver que também congrega contrastes sociais como qualquer outra metrópole, me vislumbrei com a relação das pessoas com a cidade. Porto Alegre definitivamente é a prova viva de que é possível viver a cidade em uma metrópole, pois em pleno centro há pessoas gozando o espaço público, o que não se faz em São Paulo com a mesma naturalidade. Isso se deve a um plano urbanístico bem estruturado ao longo da história da cidade, que conta inclusive com um zoneamento ambiental-cultural (dentre outros), que constam no *Atlas Ambiental de Porto Alegre* de Rualdo Menegat, que inclusive conta a história do rio Guaíba que está no entorno de toda a cidade.

Apesar do trânsito, da poluição visual, dentre outros fatores inerentes ao ambiente urbano, a cidade de Porto Alegre é arejada pois não há prédios altos. A forma como as pessoas usam a cidade é o que mais impressiona, pois sente-se uma afetividade no ar, ainda que os problemas estejam ao redor. Vejamos então algumas imagens da metrópole gaúcha que fotografei no início de Novembro de 2013, ou melhor, alguns flagrantes de encontros da/na/com a cidade:

² Fonte: <http://www.xbienaldearquitetura.org.br/>



Foto: Contrastes. (Acervo pessoal)

Diante do aeroporto e de uma estação de metrô, em plena via expressa, a carroça.



Foto: Conexões. (Acervo pessoal)

Da plataforma de pedestres, o encontro entre a via expressa, a linha do metrô e a do aeromóvel.



O maior edifício da cidade.

Foto: Céu. (Acervo pessoal)



Parque sem grades na redenção,
ao lado do centro.

Foto: Parque Farroupilha. (Acervo pessoal)



Balsa que faz um passeio pela orla do Guaíba, passando por ilhas próximas a Porto Alegre.

Foto: Usina do Gasômetro. (Acervo pessoal)



Muitas pessoas sentadas apreciando o pôr do sol, em plena terça-feira.

Foto: Chão. (Acervo pessoal)



Foto: Tempo. (Acervo pessoal)

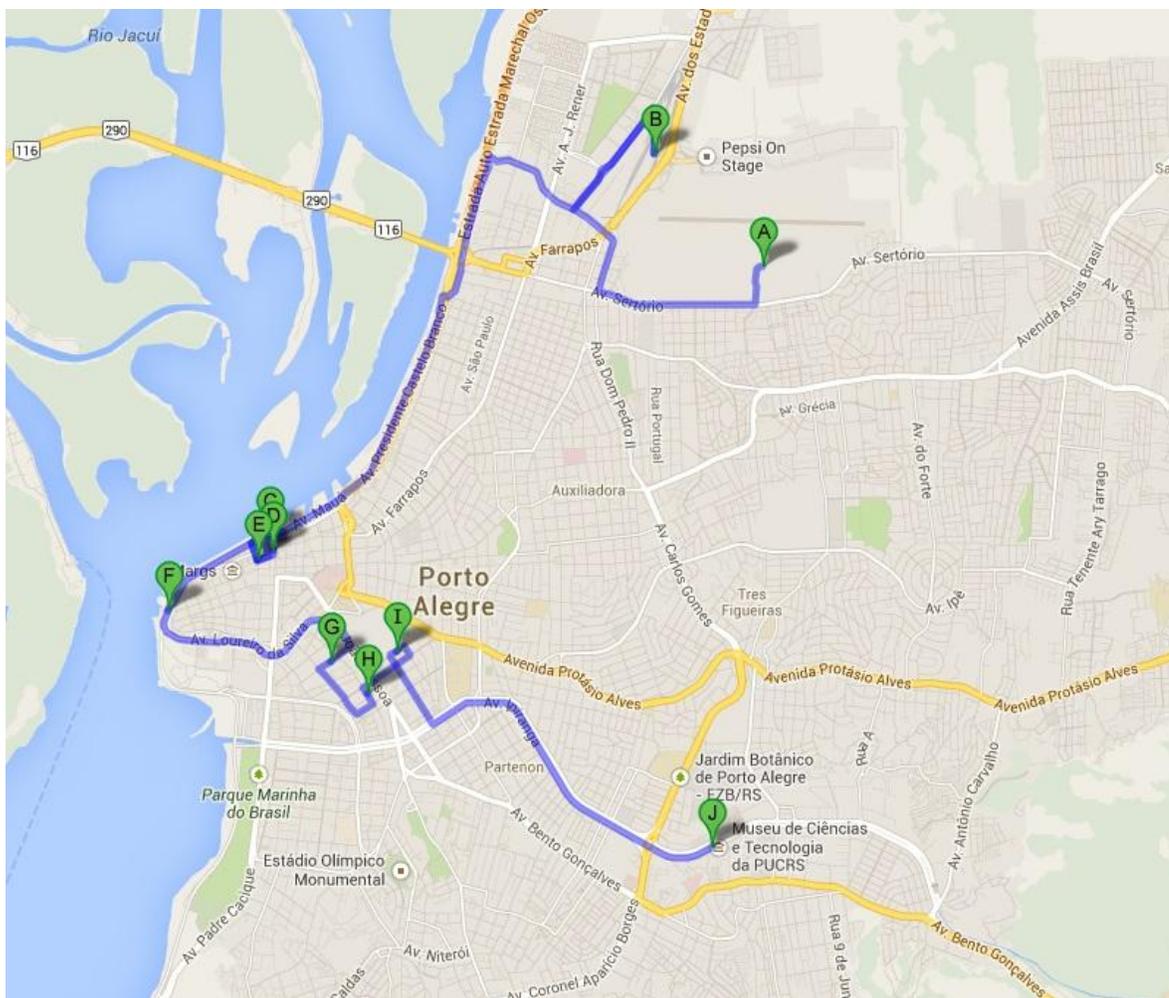
Esse senhor, estava em uma praça em frente à Usina do Gasômetro, também observando o pôr do sol. A diferença, é que uma avenida bastante movimentada o separava da orla, mas ela não o incomodava.



Foto: Pedais. (Acervo pessoal)

Em vários pontos próximos ao centro, é possível alugar bicicletas e pedalar pela cidade.

Segue ainda um esboço de meu percurso pessoal por Porto Alegre, baseado em pontos que visitei:



Se ao invés de estar em Porto Alegre eu estivesse em São Paulo procurando por encontros, com certeza os encontraria em meio ao caos, “em cada escombro, em cada esquina” cantada por Criolo. No entanto, mostrar um lado positivo do espaço paulistano nas artes, pensando em plantar no público receptor a semente da mudança por meio da utopia, é um movimento que está apenas se esboçando, sintomaticamente, após muita exposição do lado negativo.

Há pontos de vista otimistas com relação ao futuro da metrópole paulistana, que apesar de ter sido pensada para ser um espaço de comunhão em muitos momentos de sua história, tanto política quanto arquitetonicamente, foi se transformando em um espaço segregador ao longo dos anos, principalmente em função de interesses econômicos, como já enfatizado neste ensaio. O historiador Nicolau Sevcenko diz no texto *São Paulo: não temos a menor ideia*, que há esperança para São Paulo, e inclusive aponta saídas possíveis:

Esse é o projeto embutido em São Paulo. É o valor que está incrustado na memória histórica. É importante para trazer de volta à tona esse sonho, essa perspectiva, essa expectativa e fazer com que ela seja o sopro que anima a população a reformular todo o extraordinário equívoco que, a partir dos anos 30, entregou essa cidade à sanha dos automóveis, dos fluxos de trânsito e da especulação selvagem.

Como chegar lá? A intermediação tem de se dar mediante a constituição de uma autoridade pública que reassuma o compromisso com esse projeto histórico e com as ansiedades e expectativas da população. Portanto, a reversão do quadro, se houver, terá de ser uma reversão política. (Sevcenko, 1999)

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos perceber porque em Porto Alegre a cidade é experienciada positivamente e em São Paulo o que predomina nos dias atuais é a poética do desencontro. Em POA a sociabilidade é algo concreto, já que a memória histórica se faz presente na estrutura da cidade e no relato dos indivíduos, que às vezes beira o ufanismo, inclusive na literatura, o livro recente de poesias de Fabrício Carpinejar *Beleza Interior - Uma viagem poética pelo Rio Grande do Sul* não me deixa mentir. São Paulo foi apagada pela injustiça social e pelo crescimento desordenado, sem nenhum planejamento urbano. O rio Tietê, onde antes aconteciam regatas e reunia pessoas, apodreceu e reúne moradores de rua em suas margens. Mas essa não é a única ótica. É possível amar em São Paulo, se encontrar com São Paulo, mas isso precisa ser lembrado por iniciativas como a Bienal de São Paulo, e também pelo cenário cultural.

Bibliografia consultada:

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. “Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília: Editora Horizonte, 2003, n. 21.

ROCHA, Rejane C.. “Arquitetura dos contrastes: uma leitura de Eles eram muitos cavalos”. In: CAMARGO, Flávio Pereira e CARDOSO, João Batista. (Orgs.) *Percursos da narrativa brasileira contemporânea: coletânea de ensaios*. João Pessoa: Editora UFPB/Realize, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. “São Paulo: não temos a menor idéia”. *Revista Carta Capital*, São Paulo, 29 set 1999. Vol. 107. p. 24-34.

FOUCAULT, Michel. *De outros espaços*. Conferência proferida no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967.

Sites:

Direito à cidade - <http://blogdaboitempo.com.br/2013/08/29/o-direito-a-cidade-nas-manifestacoes-urbanas-entrevista-inedita-com-david-harvey/>

X bienal da Arquitetura de São Paulo - <http://www.xbienaldearquitetura.org.br/>